



SAPIENS -Revista de divulgação científica – UEMG CARANGOLA

v.1 n.02 – Outubro 2019.

RELAÇÕES E PERCEPÇÕES DE ESCRITORES DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL COM/SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Andrea Vicente Toledo Abreu,
Stefany Fernandes Passos,
Gabriela Sobral Couto

RESUMO: A pesquisa que deu origem a este trabalho teve início em 2015 com o apoio do PIBIC/UEMG/FAPEMIG, e continuidade em 2018, com o do PAPq/UEMG. Os principais teóricos que a sustentam são Stuart Hall, Raymond Williams, Marshall McLuhan, Alexandra Segerberg, Magda Soares e Sônia Livingstone. O objetivo foi descobrir o que pensam os escritores a respeito da influência das tecnologias digitais na leitura e na escrita de leitores iniciantes. Participaram da investigação 17 escritores com experiência no uso das tecnologias digitais e com importante produção literária. As entrevistas foram realizadas via *Google Docs* e pessoalmente, durante o *2º Encontro do Escrevendo com o Escritor*, por meio de entrevistas semiestruturadas e de um questionário com 13 questões. Os resultados mostraram que os escritores consideram que as tecnologias auxiliam na busca por informação, oferecem caminhos a diversas fontes de conhecimento, possibilitam acesso a diferenciados *sites*, *blogs*, textos, vídeos, etc. Dessa forma, amplia-se o conhecimento e facilita o acesso a uma quantidade enorme de conteúdo lúdico e interativo. Por outro lado, ponderaram sobre a influência negativa, no que se refere à falta de filtro e seleção de informações digitais. Ressaltaram que as tecnologias digitais influenciam diretamente o leitor por estar cada vez mais presente em seu cotidiano. Por isto, precisam aprender a selecionar as informações com consciência e criticidade e assim adquirir independência.

PALAVRAS-CHAVE: Leitores iniciantes. Escritores de literatura infanto-juvenil. Novas competências.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais e sua relação com o ensino e a aprendizagem é assunto constante nos debates e publicações dos principais periódicos educacionais e a leitura e a escrita têm tido grande interesse de especialistas da área. Diante disso, identificou-



se a necessidade de se pesquisar novas experiências e a posição de diferentes atores envolvidos com as tecnologias sobre as maneiras que podem afetar a leitura e a escrita. Apresenta-se neste artigo resultados da pesquisa *Tecnologias digitais contemporâneas e sua influência na leitura e na escrita: o que pensam os escritores de literatura infanto-juvenil*, que teve início em 2015 com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica - PIBIC/UEMG/FAPEMIG, e continuidade em 2018, com o do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PAPq/UEMG. Teve como objetivos conhecer o posicionamento e a relação de escritores de literatura infanto-juvenil com as tecnologias digitais, entender se e como essas tecnologias podem auxiliar no processo de construção do aprendizado da leitura e da escrita e identificar boas práticas de seu uso no incentivo à leitura e à escrita. As entrevistas presenciais foram realizadas na cidade de Cataguases (MG), durante edição especial do *Escrevendo com o Escritor*, em 2016, e no 2º Encontro do *Escrevendo com o Escritor*, em 2018.

O *Escrevendo com o Escritor* é uma iniciativa que faz uso das mídias digitais e das artes para estimular a leitura e a escrita entre alunos dos anos iniciais de escolas públicas e aproximá-los de escritores das obras lidas. Para ser desenvolvida conta com a colaboração de profissionais capacitados em áreas distintas como pedagogos, professores, acadêmicos, dançarinos, músicos e atores. As crianças envolvidas se preparam com a orientação destes profissionais e de seus professores nas escolas, para receberem os escritores lendo seus livros, conhecendo sua biografia e organizando atividades para homenageá-los. Paralelo a isto, crianças e escritores mantêm um blog onde escrevem e ilustram histórias, poesias, poemas, peças virtuais, além de utilizar recursos audiovisuais para se conhecerem melhor. As atividades culminam com o encontro com o escritor em suas escolas, dia em que são apresentadas peças teatrais adaptadas dos livros lidos, danças e músicas. Escritores e leitores se conhecem pessoalmente durante animados bate-papos e livros são lançados. Vem acontecendo desde 2005 com um ou dois escritores por ano, com



SAPIENS -Revista de divulgação científica – UEMG CARANGOLA

v.1 n.02 – Outubro 2019.

patrocínio de empresas, do ministério da cultura, premiações e com apoio de universidades, secretarias de cultura e educação municipais, escolas públicas e instituições do terceiro setor. Em 2015, aconteceu o 1º Encontro que reuniu 8 escritores dos 17 que participaram da iniciativa até então. Em 2016 recebeu o Prêmio Todos por um Brasil de Leitores do Ministério da Cultura e realizou uma edição especial com 4 escritores.

Em 2018, com o patrocínio da Lei de incentivo à Cultura de Minas Gerais e da Energisa e o apoio do PAEx-UEMG, no 2º Encontro do Escrevendo com o Escritor, as ações se repetiram com um número maior de alunos e professores de escolas públicas da região. Para isso, nos três meses que antecederam o encontro, as crianças e seus professores participaram de atividades preparatórias que envolviam dança, contação de histórias, artes, mídias e tecnologias digitais, dentre outras que lhes deram oportunidade de conhecerem os escritores, lerem seus livros, escreverem histórias e se comunicarem com eles pela internet. Neste mesmo período os escritores, além de estimularem as crianças a escreverem histórias colaborativas no blog, foram convidados a criarem histórias que foram reunidas em uma publicação e doadas para as escolas e instituições culturais das cidades participantes. O ápice do projeto aconteceu no 2º Encontro, nos dias 19, 20 e 21 de Novembro, quando os 9 escritores estiveram em Cataguases, Leopoldina e Carangola. O evento aconteceu em diversificados pontos das cidades mantidos por apoiadores do projeto: Universidade, Escolas, Fundações, Praças e Bibliotecas. Integrar a pesquisa a este projeto tornou possível que as pesquisadoras pudessem entrevistar pessoalmente os escritores e recolher dados para construir este trabalho.

O texto foi dividido em duas partes principais. Na primeira, que trata dos marcos teóricos, procurou-se refletir sobre a leitura e a escrita em tempos de cultura digital tendo como pressupostos teóricos os Estudos Culturais, com Stuart Hall (1997) e Raymond Williams (1992); Joaquim Paulo Serra (2007) e Marshall McLuhan (1987) contribuíram com o entendimento da Teoria da Comunicação; Lance Bennett e



Alexandra Segerberg (2013) foram basilares na construção do conceito de Cultura Digital e Magda Soares (2002), Sônia Livingstone (2011) e Henry Jenkins, Clinton, Purushotma, Robison, Weigel (2009) no de Letramento Digital. Além destes, outros autores não menos importantes, foram também solicitados no decorrer da explanação, o que contribuiu com a qualidade da reflexão no que se refere às mídias e sua relação com a educação, à leitura e à escrita.

Por meio dos dados apresentados e sua intercessão com as teorias, na segunda parte, que antecede as considerações finais e as referências bibliográficas, buscou-se analisar a relação e as percepções de escritores de literatura infanto-juvenil com as tecnologias digitais. Os “olhares” sociológicos foram essenciais para a realização da pesquisa e Pierre Bourdieu (2007) foi fonte de sustentação. Com viés qualitativo, a pesquisa teve a observação participante e a entrevista como estratégias metodológicas. Os escritores selecionados responderam a um questionário feito no *Google Docs* e nove deles foram entrevistados presencialmente para que dessa forma se obtivesse uma melhor compreensão sobre os diferentes posicionamentos sobre a influência das tecnologias digitais na leitura e na escrita.

Descobrir o que pensam os escritores a respeito da influência das tecnologias digitais na leitura e na escrita de leitores iniciantes, uma visão diferenciada, ainda desconhecida das pesquisas sobre a educação, a leitura e a escrita, pode contribuir com a criação de novas metodologias e formas de pensar sobre o tema.

COMO PENSAM OS TEÓRICOS

A Educação e a Cultura possuem características que se entrelaçam, se agregam e se complementam. E como elas permeiam todo esse trabalho, que teve como seu principal intento entender o que pensam os escritores de literatura infanto-juvenil sobre a influência das mídias na leitura e na escrita, foi necessária a compreensão de conceitos e teorias contemporâneos de cultura. Não se trata de discutir cultura a partir de um texto extenso ou apresentar as diferentes abordagens



pelas quais pode ser tomada, mas entender especialmente do que se trata a cultura digital.

Raymond Williams (1992) apontou como primeiro significado de cultura, o de um processo que se mostra como o cultivo de vegetais, criação e reprodução de animais e, por conseguinte o cultivo ativo da mente humana, e afirmou que o conceito só veio a se tornar um nome para configuração e generalização do espírito que informava o modo de vida global de determinado povo, em fins do século XVIII. Durante o processo de estudo, identificou que o conceito de cultura fixou suas bases no século XIX, mas só ganhou autonomia no século XX. Com os Estudos Culturais a cultura passa a ter um significado mais amplo.

*Cultura*¹ transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. (COSTA, SILVEIRA, SUMMER, 2003, p. 36)

Stuart Hall (1997) explica que esta nova abordagem da análise social contemporânea que passou a entender cultura como prática que constrói significados e, portanto, subjetividades foi a chamada “virada cultural”. Assim sendo, pode-se inserir neste conceito plural de cultura, a Cultura Digital e seus desdobramentos: a cultura do imediatismo; a cultura do *self*; a cultura narcísica; a cultura do *flash*; a cultura da exclusão; a cultura do preconceito; e a cultura do *touch screen*. Todas elas instituídas de sentido, como ensinou Hall, Williams e seus companheiros de Birmingham. As pesquisas que realizaram mostraram que o homem é interpretativo e institui sentido e que toda ação ou relação social é, portanto, cultural.

¹ Grifos do original



As relações sociais transformaram-se com o advento das tecnologias digitais, em especial a *internet*. Esta transformação, que vem sendo denominada cultura digital, criou utopias e mitos com relação à influência destes “meios”². Na concepção de Paulo Serra (2007), esta “utopia ciberespacial é levada ao extremo pelos chamados ‘realistas virtuais’, que veem no ciberespaço uma ‘nova fronteira’, um ‘novo mundo’ aberto à acção dos novos ‘exploradores’ e ‘colonizadores’” (SERRA, 2007, p. 172). Todo este otimismo auxilia a construção de “mitos” acerca da *internet* e das suas “potencialidades”. Serra (2007) destaca três mitos centrais: o da “biblioteca universal”, que coloca toda a informação à disposição de todos os homens; o da “comunidade virtual”, onde cidadãos livres, iguais e fraternos partilham todo o saber e todo o poder, no ciberespaço; e o da “aldeia global”, um mundo de cidadãos interligados, constituem uma mesma “família humana”, uma mesma “consciência”.

Não se pretende negar ao tentar entender a cultura digital, que a *internet* e as tecnologias trouxeram ganhos para as interações, busca e construção do conhecimento. Não se pode dizer que a tecnologia é boa ou ruim, mas também não se pode dizer que ela é neutra. Bennett e Segerberg (2013) contribuem com esta reflexão ao darem destaque à importância dos meios de comunicação e sistemas de informação à vida cívica, e ajudam a compreender como processos e tecnologias de comunicação podem aumentar o envolvimento dos cidadãos com a vida social e política e assuntos globais. “These changes affect how people view the world and participate in politics” (BENNETT, SEGERBERG, 2013, p. 23).

A cultura digital está intimamente relacionada à autoridade, ao controle, à hierarquia, à fragmentação, à dominação, mas também ao compartilhamento, à mobilização, à democratização/ciberdemocracia, ao acesso universal, à rede

² McLuhan (1987) entende que “o meio é a mensagem” (*the medium is the message*) o que equivale a “dizer que as consequências pessoais e sociais de qualquer médium (...) resultam da nova escala que é introduzida na nossa circunstância por cada extensão de nós próprios, ou seja, por qualquer nova tecnologia”. (MCLUHAN, 1987, p. 7).



distribuída e ao letramento digital. E é este último conceito que melhor elucida a experiência aqui relatada.

O letramento digital indica práticas de leitura e escrita daqueles que se apropriam das tecnologias digitais. Essas práticas acontecem em um espaço de escrita digital, na tela do computador, *tablets* e *smartphones* e mudam a forma de interação entre o autor e o leitor, bem como modifica o conceito de autoria, direitos autorais e propriedade da obra. Soares (2002) explica que

a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos (...) a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p.151).

O letramento digital exige novas habilidades de leitura e escrita, permite novas formas de acesso à informação, novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever. Integra diferentes mídias na escrita, assim como habilidades de exploração e pesquisa, resolução de problemas, seleção de informações e a linguagem lógica matemática. Um espaço amplo para a educação informal. Jenkins et al(2009) defendem que os jovens que desenvolvem estas novas habilidades têm mais chance de se destacar na política, no ativismo, na educação, na escrita, no empreendedorismo.

No entanto, ressalta que práticas como gerir e governar, defender liberdades civis, programar computadores, administrar um negócio, fazer um filme e distribuí-lo, são atividades que ainda não fazem parte da escola, o que frustra os alunos, que



adquirem este conhecimento por meio de comunidades de aprendizagem ou nos jogos *online*. São os por eles denominados *media creators*, aqueles que criam um *blog* ou um *site*, postam uma foto, vídeos ou *remix* originais, tudo isto construído por meio do aprendizado informal. Assim, Jenkins et al (2009) traçam uma série de comparações entre o aprendizado informal e o formal. Para o pesquisador,

while formal education is often conservative, the informal learning within popular culture is often experimental. While formal education is static, the informal learning within popular culture is innovative. The structures that sustain informal learning are more provisional, those supporting formal education are more institutional. Informal learning communities can evolve to respond to short-term needs and temporary interests, whereas the institutions supporting public education have remained little changed despite decades of school reform. Informal learning communities are ad hoc and localized; formal educational communities are bureaucratic and increasingly national in scope. We can move in and out of informal learning communities if they fail to meet our needs; we enjoy no such mobility in our relations to formal education. (JENKINS et al, 2009, p.9).

O letramento digital traz novos desafios à educação formal, pois existe uma lacuna entre os jovens que tem experiências de práticas midiáticas em seu cotidiano e os que não conseguem construí-lo de modo informal. É dever da escola desenvolver esse letramento tão necessário para a sociedade atual. Neste caso, Soares (2002) diz ser conveniente a compreensão de diferentes

*letramentos*³ para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes *espaços de escrita* e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita* resultam em diferentes *letramentos*. (SOARES, 2002, p.156).

Livingstone (2011) estabelece contornos para uma definição do que seja “literacidade na *internet*”, valendo-se de pesquisas em literatura para englobar três

³ Grifos do original



dimensões. Define literacidade como forma de conhecimento com continuidades claras em relação às formas comunicativas, sejam impressas, audiovisuais, interpessoais ou digitais. No que diz respeito à *internet* considera que

tal conhecimento coloca uma série de desafios que correspondem a fases, de dificuldades de acesso iniciais com o hardware a competências mais complexas, interpretativas e avaliativas envolvendo conteúdos e serviços que são abarcados de maneiras distintas (ou inscritos socialmente) na tecnologia ou texto. (LIVINGSTONE 2011, p. 20).

Outra explicação dada pela professora sobre a literacidade é que seja uma forma localizada de conhecimento que interliga a habilidade individual e as práticas sociais que são possibilitadas (ou impedidas) por recursos (ou capitais) econômicos, culturais e sociais (distribuídos desigualmente). Defende que seja crucial que isso surja da interação entre a ação individual, a tecnologia ou a arquitetura de interface e a estrutura institucional. Por fim, esclarece que “a *literacidade na internet*, particularmente, pode ser diferenciada de outras formas de literacidade na medida em que habilidades específicas, experiências, textos, instituições e valores culturais associados à *internet* se diferenciam daqueles associados ao impresso, audiovisual e outras formas de comunicação (LIVINGSTONE, 2011, p. 21).

Sobre o uso TDIC em favor da educação, Zacharias e Campos (2015) abordam o conceito de pedagogia de projetos onde a aprendizagem do aluno é beneficiada por meio de uma abordagem construcionista. Para as pesquisadoras, o conhecimento acontece por meio de uma ação concreta de interesse de quem produz ao fazer uso das tecnologias. O aluno deve buscar informações ou as extrair de experiências em curso ou vivências anteriores. Na abordagem construcionista a aprendizagem deve ser significativa e o aluno deve ser capaz de “selecionar e articular informações, tomar decisões, trabalhar em grupo, gerenciar o confronto de ideias, aprender colaborativamente com seus pares, fazer indagações, levantar dúvidas, estabelecer relações com aquilo que já sabe e descobrir ideias e novas compreensões”.



(ZACHARIAS, CAMPOS, 2015, p.5). Para trabalhar a pedagogia de projetos o professor precisa entender o mundo do aluno por meio do diálogo, identificar o conhecimento que ele já possui; orientá-lo para que possa ter acesso a informações em diferentes fontes e auxiliá-lo na reconstrução de significados e formalização do conhecimento científico. Defendem ainda, que esta abordagem pedagógica necessita de uma “nova cultura educacional, onde a utilização das tecnologias potencializa a construção de redes de conhecimento e comunicação, transformando-se em ferramenta para a compreensão e resolução de problemas da realidade”. (ZACHARIAS, CAMPOS, 2015, p.7).

As abordagens de Moran (2014) convergem com o pensamento de Zacharias e Campos (2015) e traz fundamentos para se construir novas formas de integração entre as TDIC, especialmente a *internet* na educação. Para o professor Moran (2014), só o fato dos jovens gostarem de se comunicar pela *internet* já é um ponto importante para integrar as tecnologias ao ensino. Além deste, as redes eletrônicas abrem a escola para o mundo e o aluno e o professor podem divulgar seus projetos e pesquisas, serem avaliados por terceiros, positiva e/ou negativamente; a escola pode também contribuir divulgando as melhores práticas, ajudando outras a encontrar seus caminhos. A divulgação hoje faz com que o conhecimento compartilhado acelere as mudanças necessárias e agilize as trocas entre alunos, professores e instituições.

O economista Ladislau Dowbor (2013) justifica suas “aventuras” na educação por defender que ensinar economia é um trabalho educacional, além de sua problemática ter se tornado central para todos. Para o economista/educador, a educação já não pode funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolam a sala de aula, mas ressalta que as tecnologias são importantes apenas se forem utilizadas adequadamente. E saber utilizá-las não é apenas um problema técnico.

Não se trata de inundar as escolas e outras instituições de computadores, como que caídos de paraquedas. Numerosos



estudos feitos em empresas mostram como a simples informatização leva apenas a que as mesmas bobagens sejam feitas com maior rapidez, além do acúmulo de equipamento sofisticado subutilizado. Trata-se de organizar a assimilação produtiva de um conjunto de instrumentos poderosos que só poderão funcionar efetivamente ao promovermos a mudança cultural, no sentido mais amplo, correspondente. (DOWBOR, 2013, p.8).

Carla Viana Coscarelli (2009), professora e pesquisadora das questões que envolvem a leitura na sociedade informatizada, atua, dentre outros não menos importantes, no ensino e letramento digital. Como Dowbor (2013), defende que o computador, como qualquer outro recurso didático que possa ser usado em sala de aula, não vai trazer bons resultados se for mal explorado. Defende que as tecnologias contemporâneas podem ajudar, mas os resultados satisfatórios dependem do uso que se faz delas.

O sucesso de um material ou instrumental não depende exclusivamente deles próprios, mas do uso que se vai fazer deles. Mais vale um velho jornal bem trabalhado do que um maravilhoso programa em multimídia mal usado. Portanto, precisamos conhecer bem esse instrumental que se apresenta a cada dia mais rico e disponível, lançando sempre sobre ele um olhar crítico, para que possamos utilizá-lo da melhor maneira possível. (COSCARELLI, 1999, p.90).

Diante disto, apesar de todas as posições favoráveis ao uso da TDIC como suporte à educação, é preciso atenção aos entraves que o seu mau uso pode causar. Moran, aponta alguns problemas que podem evitar que o trabalho dos educadores seja desvirtuado pelo entusiasmo. Alerta que existe certa confusão entre informação e conhecimento devido à infinidade de dados e informações disponíveis. Explica que “conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento se cria, se constrói.” (MORAN, 2008, p.11).



Os alunos não aceitam facilmente essa mudança na forma de ensinar e de aprender. Estão acostumados a receber tudo pronto, e esperam que o professor continue falando e eles escutando. Alguns professores também criticam essa nova forma, porque parece que não estão dando aulas e os alunos só ficam brincando. Outro problema apontado por Moran é a facilidade de dispersão pôr os alunos costumarem se perder no emaranhado de informações e não procurarem o que foi pedido pelo professor, deixando-se arrastar para áreas de interesse pessoal. É fácil perder tempo com informações pouco significativas, ficando na periferia dos assuntos, sem aprofundá-los, sem integrá-los num paradigma consistente. Conhecer se dá ao filtrar, selecionar, comparar, avaliar, sintetizar, contextualizar o que é mais relevante, significativo. Finalmente o professor constata a impaciência de muitos alunos por mudar de um endereço para outro. Essa impaciência os leva a deixar de lado as inúmeras possibilidades que existem em cada página encontrada. “Os alunos, principalmente os mais jovens, ‘passeiam’ pelas páginas da *internet*, descobrindo muitas coisas interessantes, enquanto deixam por afobação outras tantas, tão ou mais importantes, de lado.” (MORAN, 2008, p.11).

Os estudos realizados no âmbito da leitura, suas formas de incentivo e sobre o leitor e sua relação com os livros do teórico Gilberto Barbosa Salgado (2005), são fundamentais para o entendimento da relação do leitor e as novas mídias. Diagnosticou em sua pesquisa de doutorado, publicada no livro “Fabulação e Fantasia – o impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor”, os sonhos, desejos e frustrações dos que leem, além de sugerir que ser leitor na contemporaneidade é ser um agente de comunicação, capaz de se tornar um agente cultural com possibilidades de exercício de suas vontades de potência. A pesquisa que realizou coloca as tecnologias, em especial a *internet*, como um divisor de águas para aquele leitor que sabe ascender à cultura através do uso de suas ferramentas e mecanismos. Daí a importância, para o autor, de se saber utilizar as tecnologias em favor da leitura, assim como da construção do conhecimento.



Pedro Demo (2015), PhD em Sociologia e professor da Universidade de Brasília, apresenta reflexões importantes no campo da leitura e da escrita que devem ser consideradas por aqueles que se preocupam com sua utilização em tempos de cultura digital. Seu posicionamento instiga o pensamento sobre as novas alfabetizações ao alertar que

o Brasil não está dando muita importância a isso, afirmando que estamos encaixados no processo do ler, escrever e contar; em uma escola, onde a criança escreve porque tem que copiar do quadro ao passo que na *internet*, esta escreve porque quer interagir com o mundo. Outras contribuições são a defesa da ideia de aprendizagem situada - um aprendizado de tal maneira que apareça sempre na vida da criança -, e da concepção de linguagens multimodais – como por exemplo a ideia de um texto hoje, já tem várias coisas inclusas: som, imagem, texto, animação. (DEMO apud ZACHARIAS, CAMPOS, 2015, p.4)

Na contramão do que diz Salgado, Coscarelli, Moran e demais autores que embasam este trabalho, está Andrew Keen (2009), que critica as consequências, que considera preocupantes, trazidas pelo mau uso da *Web 2.0*, em especial a celebração do amadorismo. Segundo Keen (2009), *blogs*, *YouTube* e *Wikipédia* são exemplos de ferramentas onde qualquer um, por mais mal informado que seja, pode publicar informações de caráter duvidoso e com isto tornar ambígua a distinção entre especialistas e amadores. E embora não se concorde com tudo que defende, seu trabalho traz *insights* que contribuem com os objetivos aqui propostos, assim como, especialistas e pesquisas que corroboram com suas alegações e com algumas observações de Moran e Coscarelli, por também se preocuparem com o constante uso dos meios digitais. O site “Digitais PUC-Campinas” ressalta o estudo da “*Digital Diaries*”, realizado desde 2010 pela “*AVG Technologie’s*” que revela que 66% das crianças (entre 3 e 5 anos) são capazes de operar jogos de computador e 47% utilizam um *smartphone*. No entanto, apenas 14% são capazes de amarrar os próprios tênis e 29% sabem nadar. Já na faixa etária entre 6 e 9 anos, os números aumentam, cerca



de 89% das crianças usam a *internet*, no Brasil esse índice chega a 97%, considerado o mais alto entre os países pesquisados.

Este resultado é preocupação de Valdemar Setzer (2014). Conhecido por suas duras críticas ao acesso descontrolado aos meios eletrônicos por crianças e jovens, expõe alguns pontos importantes com relação às restrições que se deve fazer à *internet* que para ele “é uma ferramenta de adulto, completamente descontextualizada, está sendo dada a crianças e jovens, novamente provocando um processo de amadurecimento precoce, permitindo-lhes entrar em contato com informações que não são apropriadas para sua maturidade e ambiente”. (SETZER, 2001). Argumenta que ao usar a *internet* a criança busca por informações sem nenhum tipo de restrição e a falta de orientação adequada pelos pais ou responsáveis, pode desencadear prejuízos comportamentais para o desenvolvimento natural da criança, pois o acesso a algumas informações impróprias para determinada faixa etária pode causar desorientação. Isso seria o oposto do que se espera do ato de educar, que precisa ter orientação constante sobre o que crianças e jovens devem aprender, por ainda não terem condições de decidirem o que é melhor para eles.

Tais ponderações se fazem necessárias porque introduzir as tecnologias digitais em sala de aula afeta o relacionamento com diferentes tipos de comunicações e muda o pensamento sobre o uso do lápis e do papel, do quadro negro, dos livros, dos filmes, das gravações. Os objetivos têm que ser o de encorajar as crianças e jovens a desenvolver habilidades, conhecimento e ética. Muitos já fazem parte deste processo ao afiliarem-se em redes sociais, expressarem-se, resolverem problemas colaborativamente, circularem. É importante constatar que estas atividades são oportunidades de aprendizado, expressão criativa, engajamento político e avanço econômico.

COMO PENSAM OS ESCRITORES DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL



Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado estudo teórico junto ao Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Imagem (ECI) ligado à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Como demonstrado no tópico anterior, os esforços foram direcionados ao entendimento dos conceitos de Cultura, Cultura Digital e Letramento Digital, além de leituras de produções publicadas preferencialmente entre os anos de 2014 e 2017, provenientes dos bancos de dados dos periódicos Capes, Scielo e Google Acadêmico sobre a influência e os impactos das mídias digitais na educação, na leitura e na escrita. Tais fundamentações, tornaram possível a realização de uma pesquisa qualitativa onde a observação e a entrevista foram as estratégias metodológicas prioritárias. Além dessas, realizou-se uma pesquisa exploratória em *blogs*, redes sociais, material audiovisual que são exemplos de boas práticas para o incentivo à leitura e à escrita com objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema.

O objetivo foi produzir informações aprofundadas e ilustrativas, capazes de construir novos conhecimentos que serviram de base para a elaboração de um questionário que foi respondido por escritores que fazem uso das tecnologias para divulgar seus livros, incentivar a leitura e a escrita. Estas entrevistas foram realizadas através de um formulário feito no *Google Docs* que foi enviado por e-mail e redes sociais, variando de acordo com a possibilidade dos entrevistados.

O questionário foi construído com 13 questões, a maioria com respostas fechadas simples ou abertas distribuídas em 4 partes, a saber: (a) “Identificação”; (b) “Meios utilizados”; (c) “Iniciativas”; e (d) “Especificidades sobre usos da Internet para incentivo à leitura e à escrita”. Essas questões visavam um maior detalhamento da internet e sua influência na leitura e na escrita, na concepção dos escritores. Também foram buscadas as representações que esse grupo tem especificamente do Livro, da TV, do Computador, das Mídias Móveis e da Internet, levantadas através da pergunta “Indique três palavras que você associa imediatamente, quando pensa em: Livros? Televisão? Computador? Mídias Móveis e Internet?”, perguntas como essas foram



feitas através de uma entrevista com alguns dos escritores. Esta questão ofereceu ampla quantidade de palavras e expressões dos escritores a respeito dos cinco tipos de mídias, o que permitiu a análise de significações, positivas e negativas sobre cada um dos itens a respeito de tecnologias e sua influência na leitura e na escrita.

O final da coleta de dados se deu presencialmente com a realização de entrevistas semiestruturadas com os escritores em 2016 e 2018 durante encontro com escritores na cidade de Cataguases. As perguntas visaram compreender qual a importância de iniciativas de incentivo à leitura e escrita como o *Escrevendo com o Escritor*, qual a importância das tecnologias digitais e das mídias para a escrita, e como foi participar do projeto. Participaram da pesquisa 17 escritores oriundos de diferentes cidades do país, com experiência no uso das tecnologias digitais e com importante produção literária.

Especialistas, teóricos, professores e seus alunos já foram questionados sobre a influência das tecnologias digitais contemporâneas para a leitura e a escrita, mas considera-se que conhecer o que pensam os escritores de literatura infanto-juvenil a esse respeito, é uma visão diferenciada que agrega valor às iniciativas de incentivo à leitura e à escrita. As entrevistas com esses escritores, já habituados a trabalhar com as tecnologias como forma de incentivo à leitura e à escrita, trouxeram novas informações a partir de visões que são diferenciadas das dos professores ou formadores de políticas públicas para o setor.

A pesquisa mostrou que todos os escritores consideram que a *internet* e suas ramificações influenciam na leitura e na escrita dos leitores iniciantes, para eles as tecnologias estão fazendo parte diariamente do cotidiano dos leitores e há uma grande quantidade de informação que pode ajudar a desenvolver habilidades enquanto leitores. A *internet* é uma excelente ferramenta para divulgação do trabalho e chamariz para novos leitores. Os iniciantes podem começar a ter contato com autores e suas obras por este meio, o que auxilia no interesse à leitura. Além disso, consideram que



as tecnologias auxiliam na busca por informação, oferecendo caminhos a diversas fontes de conhecimento, abrindo possibilidades de acesso a diferenciados *sites*, *blogs*, textos, vídeos, entre outros. Dessa forma amplia-se o conhecimento, sem falar que é um estímulo positivo, ao facilitar o acesso a uma quantidade enorme de conteúdo lúdico ou interativo.

Em contrapartida os escritores argumentaram sobre a influência negativa, no que se refere à falta de filtro e seleção de informações digitais, ou seja, existe a necessidade de que o leitor desenvolva a habilidade de selecionar o conteúdo e ter consciência do processo para se adquirir o conhecimento de forma ampla e não fragmentada, como aponta Moram (2008).

Os escritores de literatura infanto-juvenil pensam que a *internet* e as tecnologias contemporâneas influenciam diretamente na leitura e na escrita do leitor iniciante, uma vez que está cada vez mais presente no cotidiano dos leitores e através dela há uma quantidade de informações que precisam aprender a selecionar, com consciência e criticidade e adquirir independência. São necessárias práticas para que sejam desenvolvidas as habilidades e competências do leitor. Argumentam sobre os estímulos que deveriam ser dados a esses iniciantes ao letramento digital, para que de fato as leituras digitais sejam utilizadas de maneira consciente.

As tecnologias digitais contemporâneas auxiliam no processo de construção do aprendizado da leitura e da escrita, o estudo, mostrou que o essencial da leitura hoje passa pela tela do computador, por isto defende-se que a internet possa ajudar os jovens a conhecer a riqueza do mundo literário. Ao contrário dos profissionais que alegam que o livro acabou que as pessoas não leem mais e que o texto está ameaçado, o que se vê nas telas dos computadores são textos, imagens, sons, jogos. A diferença é que a leitura na contemporaneidade se dá de maneira fragmentada, de forma que cada texto seja pensado como uma unidade separada de informação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados mostrou que os escritores têm um posicionamento ativo diante da influência das tecnologias digitais na leitura e na escrita, além um olhar positivo no que se refere a união das tecnologias e da literatura como estímulo para os leitores iniciantes. As tecnologias já estão inseridas na vida das crianças, então é importante que elas tenham maior acesso a essas informações e sejam estimuladas para criarem vínculos entre a leitura e as tecnologias de forma produtiva.

No contexto hodierno, quando o essencial da leitura passa pela tela do computador é preciso que a *internet* e as novas mídias possam ajudar os jovens a conhecer a riqueza do mundo literário. Ao contrário dos posicionamentos que alegam que o livro acabou, que as pessoas não leem mais e que o texto está ameaçado, o que se vê nos *tablets*, *smartphones*, celulares e computadores são textos, imagens, sons, jogos. A diferença é que a leitura na contemporaneidade se dá de maneira fragmentada, de forma que cada texto seja pensado como uma unidade separada de informação. É certo que essa forma de leitura se reflete na relação com as obras literárias, já que o livro impresso dá ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade, o que não ocorre na tela. A tecnologia reforça a possibilidade de acesso ao texto literário, mas também faz com que seja difícil apreender sua totalidade, seu sentido completo.

Um melhor entendimento sobre este tema é perspectiva para novas pesquisas. É suficiente para o momento constatar que atividades como as que proporcionaram a pesquisa, são oportunidades de aprendizado, expressão criativa, empoderamento e avanço. A cultura participativa é que reorganiza as regras da educação, das expressões culturais, da vida cívica. A tecnologia por si só não apresenta inovação.

REFERÊNCIAS



BENNETT, W. L; SEGERBERG, A. **The Logic of Connective Action: Digital Media and the Personalization of Contentious Politics**. Cambridge University Press, 2013.

Bourdieu, P. (2007). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes.

COSCARELLI, C. V. Leitura numa sociedade informatizada. In: Mendes, Eliana Amarante M, Oliveira, Paulo M, Benn-Ibler, Veronika (Orgs.). **Revisitações**. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 83-92.

DOWBOR, L. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://dowbor.org/2013/09/tecnologias-do-conhecimento-os-desafios-da-educacao.html/>> Acesso em: 06 fev. 2018.

ESCREVENDO COM O ESCRITOR. Disponível em <<http://escrevendocomescritor.blogspot.com>> Acesso em: 05 fev. 2018.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, nº2, 1997.

JENKINS, H; CLINTON, K; PURUSHOTMA, R; ROBISON, A, J; WEIGEL, M. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. **Massachusetts Institute of Technology**, 2009. Disponível em <https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confroning_the_Challenges.pdf>. Acesso em 10 fev. 2018.

KEEN, A. **O Culto do Amador**. São Paulo: Zahar, 2009.

LIVINGSTONE, S. **Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line**. São Paulo: Matrizes, Ano 4, nº 2, 2011.

MCLUHAN, M. **Understanding Media. The Extensions of Man**. Londres, Nova Iorque, Ark Paperbacks, 1987.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus. 2007.

_____. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual**. Disponível em <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/mudar%20a%20forma%20de%20ensinar%20e%20aprender.pdf>> Acesso em 5 ag. 2018.



SAPIENS -Revista de divulgação científica – UEMG CARANGOLA

v.1 n.02 – Outubro 2019.

SALGADO, G. B. **Fabulação e Fantasia: o impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

SERRA, J. P. Manual da Teoria da Comunicação. **Covilhã**: Livros Labcom, 2007. Disponível em: < http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-serra_paulo_manual_teorias_comunicacao.pdf>. Acesso em 09 fev. 2018.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura. Campinas: **Educação&Sociedade**, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez, 2002.

WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.